

Movimento nazista volta a ameaçar em São Paulo

SÃO PAULO (O GLOBO) — O presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, José Carlos Dias, recebeu ontem um telefonema anônimo de uma mulher que disse pertencer ao Movimento de Reorganização do Nazismo (MRN), ameaçando-o de morte caso ele insistisse em acompanhar e investigar o caso de outras pessoas ameaçadas pelo grupo.

Segundo José Carlos, a mulher, com forte sotaque alemão, aconselhou-o ainda a telefonar para o físico Mário Schemberg — cuja mulher, a pintora Lourdes Cedran, já foi agredida por dois homens que se diziam membros do grupo —, recomendando que ele desistisse de sua viagem a Brasília (ontem) para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o Acordo Nuclear Brasil/Alemanha.

— A mulher disse que se Schemberg fosse a Brasília e dissesse nomes de integrantes do MRN, envolvidos no Acordo Nuclear, a esposa do cientista (Lourdes Cedran) sofreria as conseqüências — relatou José Carlos.

Disse que a mulher ameaçou também sua família, advertindo: "Acabou a fase de ameaças. Agora vamos começar a agir". Diante disso, José Carlos comunicou o fato ao diretor do Deops, Romeu Tuma, e pediu proteção policial especial para a viagem do professor Mário Schemberg, que incluísse uma vistoria no

avião e um esquema de segurança em Brasília.

Ontem, a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo realizou reunião extraordinária para discutir o problema e hoje deve ouvir depoimentos de algumas das pessoas ameaçadas.

SÉTIMA AMEAÇA

O artista plástico Mário Gruber recebeu ontem o sétimo telefonema de uma mulher que se diz membro do MRN, voltando a ameaçá-lo de morte caso ele insistisse em "fazer publicidade em torno do caso".

— A mulher — contou Gruber — disse que já que as ameaças não vinham surtindo efeitos, eles passariam à ação. Falou numa relação de seis empresários visados pelo movimento e observou que muita gente ameaçada havia entendido o recado e não estava fazendo denúncias.

A atriz Ruthneia de Moraes também sofreu ameaças: há duas semanas, um telefonema anônimo anunciou que seu carro seria explodido no momento em que começasse a apresentação do espetáculo "Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela", no qual trabalha.

Diante disso, a direção do espetáculo pediu reforço policial. Embora não tenha ocorrido a explosão, novos telefonemas ameaçadores voltaram a ser feitos durante a apresentação da peça.